

A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES NO PIBID – NÚCLEO ALFABETIZAÇÃO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE COORDENAÇÃO E SUPERVISÃO

Daniele Terezinha de Lima Baitel[1]

Felipe Augusto Fernandes Borges[2]

Círculo de Saber: Formação inicial e continuada de professores

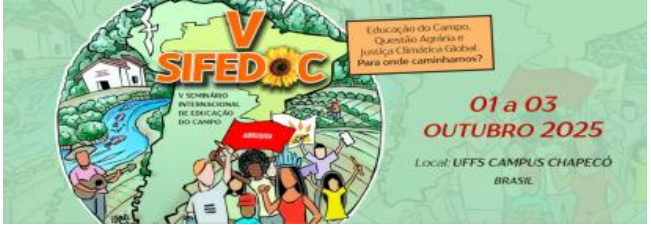
Resumo: Este relato de experiência discute a contribuição do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), no subprojeto de Alfabetização do IFPR – Câmpus Pitanga, para a formação inicial docente e a construção da identidade profissional. A partir de uma abordagem qualitativa, fundamentada na Pedagogia Histórico-Crítica e na Psicologia Histórico-Cultural, o texto apresenta vivências de supervisão e coordenação de área ocorridas entre os anos de 2023 e 2025. As ações desenvolvidas envolveram licenciandos em diferentes fases da graduação, atuando em escolas públicas da periferia, marcadas por contextos desafiadores. Destacam-se aspectos como a resistência inicial de alguns acadêmicos, as dificuldades estruturais e pedagógicas enfrentadas e as transformações observadas entre os ciclos do programa. A experiência demonstrou o potencial formativo do PIBID ao promover a articulação entre teoria e prática, ampliar a compreensão sobre o cotidiano escolar e fortalecer o compromisso com a escola pública. Conclui-se que o Programa contribui não apenas para a formação dos licenciandos, mas também para a ressignificação do trabalho docente daqueles que já atuam na rede, configurando-se como uma ação essencial para o enfrentamento dos desafios da educação básica no Brasil.
Palavras-chave: Formação docente; PIBID; Identidade profissional.

Introdução

A formação de professores tem sido amplamente debatida no cenário educacional brasileiro, sobretudo diante dos desafios impostos pela realidade escolar contemporânea, marcada por desigualdades, precarização das condições de trabalho e desvalorização da carreira docente. Nesse contexto, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) configura-se como uma importante política pública voltada ao fortalecimento da formação inicial, ao proporcionar aos licenciandos uma imersão crítica e orientada na escola pública desde os primeiros períodos do curso.

[1] Mestra em Educação pela Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO). Professora efetiva da Prefeitura de Pitanga-PR e Prefeitura de Boa Ventura de São Roque-PR. É supervisora docente do PIBID- Núcleo Alfabetização, do curso de Pedagogia do IFPR Câmpus Pitanga. E-mail: danielebaitel@hotmail.com.

[2] Doutor em História pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Professor do curso de Pedagogia do Instituto Federal do Paraná, Câmpus Pitanga e do Programa de Pós-graduação em Ensino de História da Universidade Estadual de Maringá. É Coordenador de Área do PIBID - Núcleo Alfabetização, do curso de Pedagogia do IFPR Câmpus Pitanga. E-mail: felipe.borges@ifpr.edu.br.



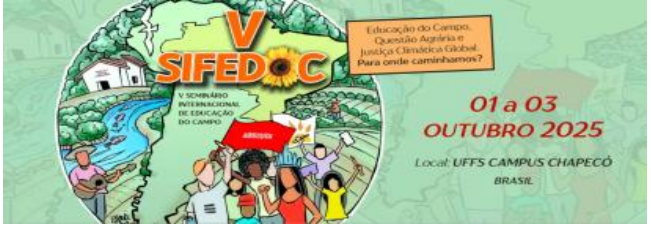
Este relato tem como objetivo compartilhar experiências vivenciadas pelos autores na condição de coordenador de área e supervisora do subprojeto PIBID-Alfabetização, vinculado ao curso de Pedagogia do IFPR – Câmpus Pitanga. A partir de uma abordagem qualitativa e fundamentada nos princípios da Pedagogia Histórico-Crítica e da Psicologia Histórico-Cultural, o texto busca refletir sobre os efeitos do Programa na constituição da identidade docente, na articulação entre teoria e prática, e nas possibilidades de ressignificação do fazer pedagógico, tanto para os licenciandos quanto para os profissionais da educação já inseridos na escola básica. A experiência relatada ancora-se na realidade concreta de escolas públicas da periferia, evidencia os desafios, contradições e potências formativas presentes na mediação entre universidade e escola.

Metodologia

A metodologia deste artigo caracteriza-se como qualitativa, assumindo o formato de um relato de experiência fundamentado nas vivências diretas dos autores, que exercem a função de coordenador de área e de supervisora do PIBID Alfabetização no IFPR Câmpus Pitanga. A abordagem qualitativa nos permite, aqui, compreender especificidades e complexidades da prática educativa, priorizando a descrição dos processos formativos, das interações entre os atores (bolsistas, supervisores e coordenadores) e das contradições inerentes à mediação pedagógica em contextos escolares diversos. Os dados e experiências descritos advém da observação participante dos autores, atores nos processos aqui citados, bem como em registros de diários de campo dos bolsistas, de análise documental em projetos pedagógicos, relatórios e planos de intervenção. Ao longo do texto, procuramos articular a prática concreta da experiência relatada com os referenciais teóricos da Pedagogia Histórico-Crítica e da Psicologia Histórico-Cultural.

Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID): breve histórico e legislação

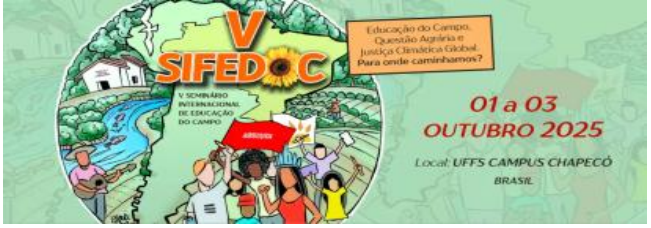
O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) foi pensado como uma política pública estruturante para a formação de professores no Brasil. Criado em 2007 pelo Ministério da Educação (MEC), sob gestão da Coordenação de



Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o programa foi pensado para ser uma resposta à crise histórica das licenciaturas, marcada pela evasão estudantil, desvalorização do magistério e dissociação entre teoria e prática. Conforme relata Silveira (2017), testemunha ocular desse processo como gestor nacional do programa entre 2011 e 2015, o PIBID nasceu inspirado no modelo da Iniciação Científica (PIBIC), porém com foco inicial nas áreas de ciências exatas e naturais – química, física, matemática e biologia –, justamente aquelas com maiores déficits de professores na educação básica. Seu primeiro edital, lançado ainda em 2007, restringia-se a instituições federais de ensino superior, limitando-se a ações fragmentadas sem uma matriz pedagógica unificada.

A Lei nº 11.502/2007 redefiniu a missão da CAPES, ampliando sua atuação para "indução e fomento da formação inicial e continuada de profissionais da educação básica" (BRASIL, 2007). Esse marco legal permitiu ao PIBID ganhar escala nacional, mas a sua consolidação exigiria ainda profundas reformulações. Entre 2009 e 2012, diante da constatação de que a crise na formação docente era transversal, comum a todas as licenciaturas, o programa expandiu-se para todas as áreas do conhecimento, incorporando instituições estaduais, municipais e privadas sem fins lucrativos. Silveira (2017) destaca que esse período foi marcado por intensa mobilização coletiva: visitas técnicas a instituições de ensino superior, encontros nacionais com coordenadores e uma histórica consulta pública em 2012 – com 37 mil participantes – revelaram a necessidade de superar visões reducionistas da iniciação à docência, que oscilavam entre o academicismo teórico e o tecnicismo reprodutivo.

O resultado deste movimento se materializou na Portaria CAPES nº 96/2013, divisor de águas na trajetória do programa. Este documento redefiniu a iniciação à docência, agora considerada não como uma mera repetição de aulas, mas como "apropriação e reflexão sobre instrumentos, saberes e peculiaridades do trabalho docente" (BRASIL, 2013, Art. 4º). Seu Artigo 6º estabeleceu onze dimensões obrigatórias, desde a imersão nos espaços escolares (salas de aula, bibliotecas, conselhos pedagógicos) até o desenvolvimento de estratégias didáticas inovadoras com uso de tecnologias, passando pela análise crítica de casos reais e produção de portfólios reflexivos.

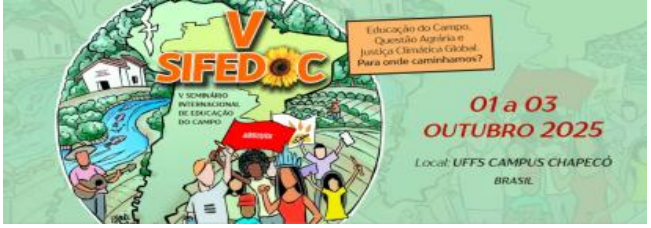


Nos anos seguintes, o PIBID consolidou-se como política de Estado. Dados da CAPES (2024) revelam que, entre 2009 e 2023, o programa investiu R$5,8 bilhões, beneficiando 618 mil bolsistas em 6.125 municípios. A Portaria nº 38/2018 ampliou a inclusão de institutos federais e escolas do campo, quilombolas e indígenas, enquanto o Decreto nº 10.315/2020 institucionalizou o programa como ação permanente. O ápice dessa trajetória é o Edital CAPES nº 10/2024, que atualiza as diretrizes para o ciclo 2024-2027. Alinhado ao Plano Nacional de Educação (PNE) e à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o edital enfatiza a alfabetização como eixo prioritário, a cultura digital como competência transversal e a equidade como princípio – com reserva de vagas para escolas de alta vulnerabilidade socioeconômica (BRASIL, 2024). Mantém o modelo triádico (coordenadores institucionais, supervisores da educação básica e bolsistas), mas introduz inovações: exige integração explícita com os Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPCs), prevê cofinanciamento de redes municipais e estabelece metas de redução da evasão nas licenciaturas.

O PIBID completa 18 anos de existência em 2025, e talvez possamos afirmar que seja uma das maiores e mais eficazes experiências de fomento para formação docente já vistas em nosso país. Sua legislação – da Lei 11.502/2007 ao Edital 10/2024 – reflete uma construção coletiva, respostas à luta de educadores, universidades e da sociedade organizada. Um dos seus legados mais profundos talvez seja a demonstração de que políticas públicas educacionais, quando ancoradas na dialética educacional e em gestão participativa, podem auxiliar fortemente na transformação de realidades historicamente negligenciadas.

O Curso de Pedagogia no IFPR - Câmpus Pitanga

O Curso de Licenciatura em Pedagogia do IFPR - Câmpus Pitanga foi idealizado a partir de 2018, como resposta a uma demanda do município de Pitanga e região. À época, a demanda ao IFPR pelo curso foi articulada por atores locais, tais como a Secretaria Municipal de Educação, o Núcleo Regional de Educação e organizações da sociedade civil. A primeira turma do curso foi implementada em 2019, e desde então o curso vem consolidando-se como um importante espaço formativo na região do centro do Paraná. O curso já formou dezenas de pedagogos até 2025, com colações de grau regulares que atestam seu impacto na qualificação docente regional. Egressos do curso já estão presentes na rede municipal de educação, tanto em

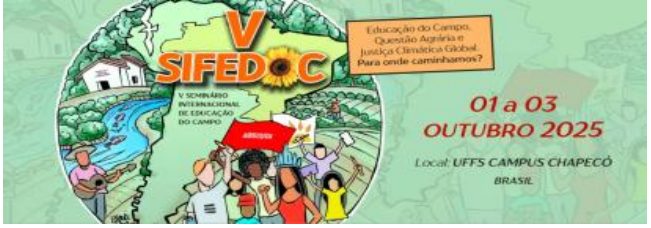


Pitanga quanto em outros municípios ao redor. Seu Projeto Pedagógico (IFPR, 2022) estrutura-se em três eixos interligados: docência, gestão educacional e pesquisa, ancorados em pressupostos teóricos que dialogam com a tradição crítica da educação brasileira. Inspirado em Freire, Saviani e Vigotski, o curso assume a pedagogia como prática social transformadora, enfatizando a relação dialética entre teoria e prática, a educação inclusiva como princípio e o compromisso com a qualidade da educação pública.

Além disso, a trajetória do curso tem sido marcada pela participação ativa e contínua nos programas de formação docente. Desde 2020, o curso integra regularmente o PIBID, com atuação nos editais CAPES de 2020, 2022 e, atualmente, no edital de 2024 – este último com um núcleo focado, especificamente, em alfabetização. Em 2022, o curso também fez parte do Programa Residência Pedagógica, o que aprimorou as oportunidades de inserção dos licenciandos em escolas públicas municipais. Desta forma, entendemos que o curso de Pedagogia do IFPR – Câmpus Pitanga tem cumprido um importante papel como lócus de formação de educadores críticos, aptos a atuar na educação infantil, anos iniciais do ensino fundamental e em espaços não escolares, atendendo assim à sua missão institucional, ou seja, de responder às necessidades educacionais da região em que se insere.

A Coordenação de Área no PIBID - Alfabetização: reflexões da experiência

Coordenar o subprojeto PIBID-Alfabetização no IFPR Pitanga é uma experiência que se tece na trama complexa de múltiplas vozes, espaços e tempos. Assumir a coordenação de área significa gerir um ecossistema formativo que envolve 24 bolsistas de iniciação à docência, distribuídos por três escolas municipais distintas, sob a orientação direta de três professoras supervisoras – estas últimas atuando como pilares fundamentais na mediação entre a universidade e a Educação Básica, corresponsáveis pela imersão dos licenciandos no dia a dia educacional escolar. Essa tríade operacional, embora potente para a capilarização das ações, apresenta desafios tangíveis: a heterogeneidade das culturas escolares, as distâncias geográficas entre unidades de ensino e a necessidade de harmonizar planos de ação que respeitem tanto as diretrizes do PIBID quanto as singularidades de cada contexto educativo.

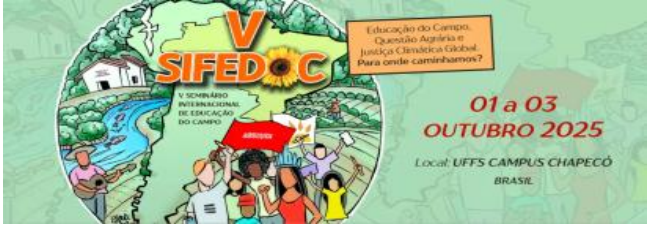


Nesse cenário, o planejamento do núcleo ancora-se intencionalmente nos pressupostos da Pedagogia Histórico-Crítica, bem como da Psicologia Histórico-Cultural. Esses referenciais não são meras citações bibliográficas, mas alicerces vivos que orientam cada decisão. Conforme Saviani (2013), a educação é um ato político de humanização, é a produção direta e intencional da humanidade historicamente construída pelo conjunto dos seres humanos em cada indivíduo particular. Essa concepção faz parte do cotidiano da coordenação de área: alfabetizar transcende a decodificação de letras e sons, pois é um ato de inserção crítica no mundo da cultura escrita. Assim, as ações do PIBID buscam vincular o ensino da língua à conscientização sobre seu papel social, especialmente num contexto pós-pandêmico onde as desigualdades se aprofundaram.

A mediação, conceito que recuperamos de Vigotski (2007), materializa-se na arquitetura do programa. As supervisoras – professoras experientes das redes públicas – não são meras espectadoras, mas mediadoras essenciais entre os saberes acadêmicos e as urgências da sala de aula. Já os bolsistas, por sua vez, atuam como mediadores das aprendizagens das crianças, planejando intervenções que estimulem zonas de desenvolvimento proximal através de atividades colaborativas. Esse triângulo dialógico (coordenador-supervisoras-bolsistas) exige uma escuta ativa constante. Nas reuniões, nos diários de campo, nas conversas particulares entre bolsistas e coordenador, as questões do cotidiano escolar transformam-se em matéria-prima para problematizações coletivas. Aqui, a práxis freireana (FREIRE, 1996) ganha corpo: a reflexão sobre a ação gera novos saberes que reorientam o trabalho.

Orientar 24 licenciandos em estágios distintos da formação demanda uma atenção especial às suas especificidades. Seguindo Gasparin (2012), cuja didática em cinco passos norteia as regências, planejamentos e ações na escola, estruturamos ciclos de intervenção. Esses ciclos são viabilizados pela rotatividade dos bolsistas entre observação e regência, em ciclos que variam entre observação participativa, em que o pibidianos auxilia diretamente as professoras em sala de aula e nas horas-atividade, momentos de planejamento, e momentos de regência.

Entretanto, é claro, os desafios são inseparáveis desta experiência. Coordenar grupos de bolsistas em três diferentes escolas implica lidar com infraestruturas desiguais,



ritmos pedagógicos diversos e, por vezes, sobrecarga na comunicação. A logística para articular horários de formação continuada que atendam a todas as supervisoras exige flexibilidade. Já a avaliação processual dos 24 bolsistas – analisando desde planejamentos de aula até relatórios de autoavaliação, diários de campo, produções de textos acadêmicos – demanda um olhar específico para cada bolsista particular.

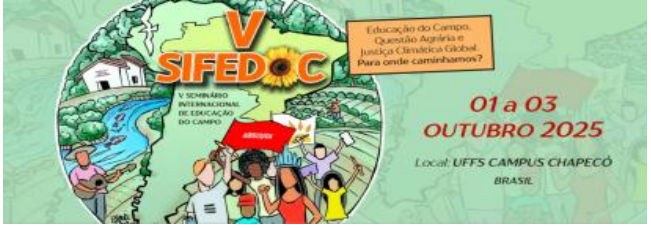
Desta forma, o que queremos afirmar é que a coordenação do PIBID-Alfabetização em Pitanga revela-se menos como função administrativa e mais como uma tarefa de mediação dialética. Entre a teoria e a prática, entre a universidade e a escola básica, entre o ideal pedagógico e as contingências materiais, o coordenador tece fios invisíveis que unem humanos em torno de um projeto comum: educar e alfabetizar como ato de resistência e esperança. Parafraseando Saviani (2013), é na singularidade de cada sala de aula, com suas contradições e possibilidades, que se constrói a humanização prometida pela educação.

A Construção da Identidade Docente na Interface entre Universidade e Escola: breves reflexões das experiências de supervisão no PIBID em uma escola pública de periferia

A formação docente é amplamente discutida entre os profissionais da educação, dada sua importância para a qualidade do ensino e para a adoção de práticas pedagógicas comprometidas com a aprendizagem. O exercício da docência exige, além do domínio teórico, preparo prático para enfrentar os desafios do cotidiano escolar.

Como professora dos anos iniciais do ensino fundamental, percebo que a preparação das colegas varia conforme as experiências vividas durante a graduação, o que evidencia a necessidade de uma formação inicial sólida, aliada à formação continuada que promova o aperfeiçoamento profissional.

Este relato apresenta reflexões baseadas em minha vivência docente, com ênfase nos efeitos da formação inicial sobre a prática pedagógica e na importância de políticas de formação continuada. Nesse contexto, visando contribuir com a formação de futuras professoras, participei como supervisora do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). As experiências aqui descritas ocorreram em uma escola da periferia da cidade de Pitanga, onde atuo como docente e supervisora de alunos bolsistas.

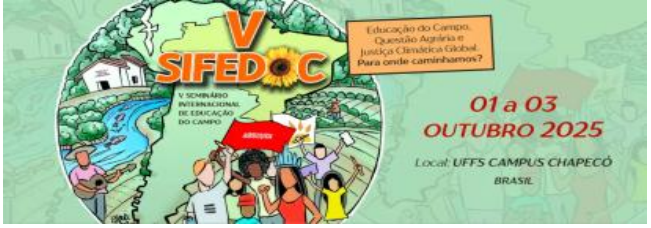


Os indicadores de avaliação externa da instituição revelam um desempenho insatisfatório, com resultados baixos e recorrentes, o que reforça a necessidade de intervenções pedagógicas consistentes. Nesse cenário, o Programa mostrou-se relevante e bem acolhido por toda a comunidade escolar.

Iniciei minha primeira experiência no Programa entre os anos de 2023 e 2024, supervisionando um grupo formado por acadêmicas e acadêmicos do primeiro ao terceiro semestre. Os bolsistas atuavam no período da manhã, distribuídos em turmas que iam da Educação Infantil ao 4º ano do Ensino Fundamental. No entanto, de um total de oito participantes, houve diversas desistências e remanejamentos. Os motivos foram variados: dificuldade de conciliar o horário do estágio com o trabalho, desistência do curso por falta de identificação com a docência, desajuste com a turma, insatisfação com a escola ou com o(a) professor(a) regente, entre outros.

Diante desse contexto, e conforme Almeida et al. (2014), a docência na contemporaneidade enfrenta exigências cada vez maiores, com aumento da complexidade e das responsabilidades atribuídas ao professor. Essas demandas impactam diretamente o cotidiano escolar e a atuação docente, o que contribui para que muitos acadêmicos não se sintam atraídos pela profissão. Além da baixa remuneração, o elevado nível de responsabilidade, as constantes cobranças por desempenho e metas são fatores que desmotivam os estudantes a prosseguir no curso. Soma-se a isso a ausência de identidade docente percebida ao longo da participação no Programa.

Ademais, os bolsistas que permaneceram no Programa naquele período atuavam de forma bastante limitada, com pouca autonomia. Seu papel se restringia, muitas vezes, ao de colaboradores em sala de aula, auxiliando o professor regente no que fosse solicitado, configurando-se como coadjuvantes no processo de ensino-aprendizagem. Houve, também, certa resistência por parte de algumas acadêmicas em relação à escola onde estavam alocadas. Das oito bolsistas inicialmente designadas, três solicitaram remanejamento por não se sentirem confortáveis com o ambiente escolar. As turmas contavam, em média, com 27 a 30 alunos, em sua maioria oriundos de famílias de baixa renda. Muitos vivenciavam situações de violência em seus contextos familiares e sociais, o que, por vezes, refletia em comportamentos desafiadores no



espaço escolar. Além disso, havia turmas marcadas por elevados índices de indisciplina e significativa defasagem de aprendizagem.

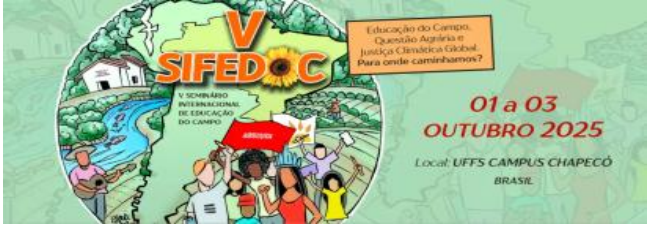
Ao final do ciclo do PIBID 2023/2024, permaneceram apenas quatro acadêmicas na instituição. As demais optaram por atuar em escolas consideradas “mais bonitas” e com estudantes em melhores condições socioeconômicas.

Em 2025, iniciei minha segunda experiência como supervisora, na mesma escola. Desta vez, recebemos oito acadêmicas do 3º ao 7º semestre do curso de Pedagogia, distribuídas entre turmas do 1º ao 5º ano. Houve apenas uma desistência, motivada — segundo relato da própria estudante — pela falta de identificação com a docência.

Como supervisora, observei mudanças significativas no Programa. Enquanto em 2023 as acadêmicas assumiam majoritariamente funções de apoio, em 2025 passaram a atuar com mais autonomia. Mensalmente, contribuem com o planejamento semanal do professor, colaborando de forma ativa na elaboração de aulas e na produção de materiais didáticos. Realizam regências três vezes ao ano e participam de formações teórico-didáticas promovidas pelo IFPR, em horários extraclasse. Além disso, têm acesso a atividades via Google Classroom e recebem visitas bimestrais nas escolas, realizadas pelo coordenador do Programa.

Essa aproximação com a realidade do cotidiano escolar contribui significativamente para a construção da identidade docente das acadêmicas, tornando-as mais conscientes dos desafios enfrentados pela educação atual. Nesse sentido, concordo com Jesus (2004), ao expressar preocupação com a baixa seletividade da carreira docente, uma vez que muitos atuam na área sem formação específica ou preparo adequado, reforçando o estereótipo de que "qualquer pessoa" pode ser professor. Além disso, é comum que a entrada na docência ocorra de forma transitória, não como escolha vocacional, mas como alternativa profissional.

Diante desse contexto, compreendo que as experiências proporcionadas pelo PIBID contribuem significativamente para mitigar tal realidade, ao promover uma formação docente que articula teoria e prática a partir da vivência concreta da realidade escolar e da diversidade socioeconômica dos estudantes. Essa inserção possibilita romper com a romantização da docência e fortalece a práxis pedagógica, ao mesmo tempo em que auxilia no enfrentamento de discursos naturalizados e desestimulantes como: “é assim mesmo”, “se acostume, não há como mudar”. Evita-se, assim, o desgaste



precoce de quem inicia a carreira com entusiasmo. Por outro lado, o Programa também tem se mostrado capaz de ressignificar a trajetória de profissionais já inseridos na escola, mas que se encontravam desmotivados, ao oferecer-lhes novos sentidos para a docência.

Conclusão

A experiência com o PIBID-Alfabetização no IFPR – Câmpus Pitanga evidenciou o potencial formativo do Programa na construção da identidade docente e na articulação entre teoria e prática. Ao promover a imersão qualificada dos licenciandos no cotidiano escolar, o PIBID contribui para o enfrentamento de estereótipos sobre a docência, fortalece a práxis pedagógica e amplia o compromisso com a escola pública.

Para além da formação dos bolsistas, a atuação no Programa ressignificou também a prática dos profissionais envolvidos, reafirmando a importância de políticas públicas sustentadas em referenciais críticos e na valorização do trabalho coletivo. Os desafios enfrentados apenas reforçam a necessidade de consolidar ações como essa, que aproximam a universidade da escola e promovem a transformação da realidade educacional.

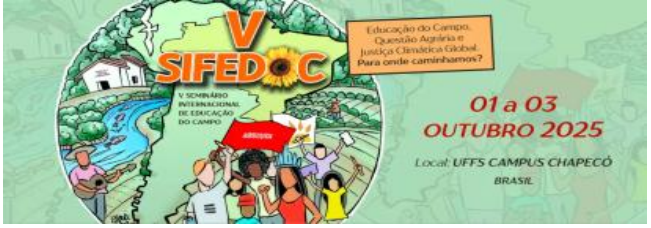
Referências bibliográficas

ALMEIDA, P. A; et al. Quais as razões para a baixa atratividade da docência por alunos do Ensino Médio? **Psicol. Ensino & Form., Brasília**, v. 5, n. 2, p. 103-121, 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-20612014000200007&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 26 jul. 2025.

BRASIL. **Lei nº 11.502, de 11 de julho de 2007.** Modifica as competências e a estrutura organizacional da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Diário Oficial da União, Brasília, 2007.

BRASIL. **Portaria nº 96, de 18 de julho de 2013.** Estabelece normas e diretrizes para o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Diário Oficial da União, Brasília, 2013.

BRASIL. **Edital nº 10/2024 – CAPES.** Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Brasília: CAPES, 2024. Disponível em: https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/editais/29052024_Edital_2386922_SEI_2386489_Edital_10_2024.pdf. acesso em 26 jul. 2025.



CAPES. **Capes faz balanço dos 17 anos do Pibid em seminário nacional.** Brasília, 2024. Disponível em: https://www.gov.br/capes/pt-br/assuntos/noticias/capes-faz-balanco-dos-17-anos-do-pibid-em-seminario-nacional. acesso em 26 jul. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. Paz e Terra, 1996.

GASPARIN, João Luiz. **Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica**. 5ª ed. Autores Associados, 2012.

IFPR. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Pedagogia.** Campus Pitanga, 2022. Disponível em: https://ifpr.edu.br/pitanga/wp-content/uploads/sites/23/2023/09/PPC-Pedagogia-novo-2022.pdf. acesso em 26 jul. 2025.

JESUS, S. N. de Desmotivação e crise de identidade na profissão docente. **Revista Katálysis**. v. 7, n. 2, p. 192-202, 2004.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica: Primeiras Aproximações**. 11ª ed. Autores Associados, 2013.

SILVEIRA, H. E. Memórias sobre o Pibid: concepções, criação e dinâmica de funcionamento. **Crítica Educativa**, Sorocaba, v. 3, n. 2, p. 50-62, 2017.

VIGOTSKI, Lev S. **A Formação Social da Mente**. Martins Fontes, 2007.